

DUAS DE LETRA

GRUPO DE LEITORES DA BIBLIOTECA

FACULDADE DE PSICOLOGIA | INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE DE LISBOA

julho/agosto 2021

GUIA DE LEITURA

Na Terra Somos Brevemente Magníficos – Ocean Young

OCEAN VUONG



Biografia: Nascido em Saigão, o poeta e editor Ocean Vuong foi criado em Hartford, Connecticut, e formou-se no Brooklyn College (CUNY). Nos seus poemas, ele explora frequentemente a transformação, o desejo e a perda violenta. Numa entrevista de 2013 com Edward J. Rathke, Vuong discutiu a relação entre forma e conteúdo na sua obra, observando que “Além de ser um veículo para o movimento do poema, vejo a forma como ... uma extensão do conteúdo do poema, um espaço onde as tensões podem

ser investigadas ainda mais. A forma como o poema se move através do espaço, seu *enjambment* ou quebras de linha interrompidas, seus enunciados e gaguejos, tudo funciona em tangente com o conceito do poema.” Reconhecendo o número cada vez maior de direções possíveis que cada nova viragem cria num poema Vuong continuou: “Acho que os poemas mais fortes se permitem desmoronar completamente antes de qualquer ressurreição ou encerramento, e uma manipulação da forma pode adicionar outra dimensão a esse colapso.” Vuong é autor das coleções de poesia *Night Sky With Exit Wounds* (2016), vencedor do T.S. Eliot Prize e os *Chapbooks No* (2013) e *Burnings* (2010), que foi um *Over the Rainbow* selecionado pela American Library Association. O seu romance, *Na Terra Somos Brevemente Magníficos* (2019), foi longlist para o National Book Award for Fiction 2019, a Medalha Carnegie em Ficção, o Aspen Words Literacy Prize 2019 e o prêmio de romance PEN / Hemingway Debut; o romance também foi selecionado para o prêmio de primeiro romance do Center for Fiction de 2019 e ganhou o New England Book Award for Fiction de 2019. O seu trabalho foi traduzido para o hindi, coreano, russo e vietnamita. Os reconhecimentos incluem bolsas da Elizabeth George Foundation, Poets House, Kundiman e da Saltonstall Foundation for the Arts, bem como um Prémio da Academia de Poetas Americanos, um Prémio Stanley Kunitz da American Poetry Review para Poetas Mais Jovens, o Prémio Pushcart e um Beloit Poetry Journal Chad Walsh Poetry Prize. Em 2014, foi concedido a Vuong a Ruth Lilly e Dorothy Sargent Rosenberg fellowship, uma bolsa de Poesia da Poetry Foundation. Ele recebeu o Whiting Award em 2016 e uma bolsa MacArthur em 2019. Ele é o ex-editor administrativo da Thrush Press e atualmente mora no Pioneer Valley de Massachusetts, onde é professor do programa de MFA da University of Massachusetts, Amherst.



Sinopse de *Na Terra Somos Brevemente Magníficos*:

Na Terra Somos Brevemente Magníficos é a carta de um filho à mãe que não sabe ler. Escrita quando o narrador não tem ainda trinta anos, a carta evoca o passado de uma família e narra uma história que tem como epicentro o Vietname, desvendando aspetos da sua vida que a mãe nunca conheceu e levando a uma inquietante revelação final. Testemunho de um amor duro, mas inegável entre uma mãe solteira e o filho, a carta é também uma investigação sobre raça, classe e masculinidade, levantando questões centrais sobre uma atualidade repleta de violência e trauma, que se vão sobrepondo a compaixão e a sensibilidade. Este livro é tanto sobre a energia de contar uma história como sobre o silêncio destrutivo de não ser ouvido. Ocean Vuong

escreve sobre pessoas aprisionadas entre mundos contraditórios e pergunta como recuperamos e podemos ajudar os outros sem deixarmos de ser quem somos. Procura assim responder a duas questões centrais: como sobreviver e como transformar essa sobrevivência em quase alegria.

Entrevista

Bebé de guerra: a incrível história de Ocean Vuong, ex-refugiado e poeta premiado

[Claire Armitstead](#) | 3 de outubro de 2017

The Guardian



'Minha história precária' ... Ocean Vuong. Fotografia: Adrian Pope

Seu avô era um soldado americano que se apaixonou por uma camponesa vietnamita. Mas então Saigão caiu e a família foi destruída. Ocean Vuong despejou tudo em *Night Sky With Exit Wounds*, ganhando um prêmio Forward - e comparações com Emily Dickinson

Aqui está uma fotografia na capa da coleção de poesia de estreia

de Ocean Vuong, de um menino sentado num banco de madeira. Rodeado pelos braços de duas mulheres em algodões de verão, ele olha fixamente para a câmara.

A elegância engana: foi tirada quando a família vivia na pobreza num campo de refugiados nas Filipinas, a caminho dos Estados Unidos, após ser expulsa do Vietnã . Vuong, a única criança no êxodo de três gerações, tinha dois anos. Um colega refugiado estava trocando fotos por comida. “Essa foto custou à minha família três latas de arroz, segundo minha mãe”, diz ele. “Cada um de nós abriu mão de sua ração só para ser visto”.

Sua coleção de estreia, *Night Sky With Exit Wounds*, é o trabalho de um homem com história nas costas, mesmo que ele tenha que imaginar parte dela voltando a existir. Ele traz a insistência de um criador de mitos em ser visto e ouvido para assuntos que vão desde a morte do pai de Telêmaco, do mito homérico à queda de Saigon e a masturbação comum. Já enfeitado com prêmios quando chegou ao Reino Unido, o livro passou a engolir o prêmio Forward de melhor primeira coleção .



Ocean Vuong tinha dois anos com sua mãe e tia no campo de refugiados das Filipinas.

A crítica do Observer Kate Kellaway descreveu-o como "um canal para uma vida em que violência e delicadeza colidem", enquanto a crítica do New York Times Michiko Kakutani ficou impressionada com "uma precisão de tração que lembra o trabalho de Emily Dickinson, combinada

com uma apreciação de Gerard Manley Hopkins pelo som e ritmo das palavras ”.

O poeta que enxuga toda essa atenção é uma figura pequena e andrógina que irradiou um carisma silencioso ao subir ao vasto palco do Royal Festival Hall, em Londres, para as leituras dos prêmios Forward. “Bem”, ele confessa mais tarde, “eu não tenho nenhuma piada e meu timing é terrível, então eu pensei que a única maneira de passar por isso era me esconder nos poemas. Eu simplesmente entrei no livro e morei lá por um tempo.”

Em sua narrativa, a história de vida de Vuong começa duas gerações antes de seu nascimento, quando seu avô americano, um menino de fazenda de Michigan que "queria ser Miles Davis", ingressou na Marinha dos Estados Unidos com seu trompete na mochila e foi enviado para o Vietnã, onde apaixonou-se por “uma menina analfabeta dos arrozais”. Isso se traduz, em uma peça chamada Fragmentos de Caderno, como: “Um soldado americano fodeu uma camponesa vietnamita. Portanto, minha mãe existe. Portanto, eu existo. Assim, sem bombas = sem família = sem mim. / Caramba.”

Na verdade, diz ele, seus avós eram casados e tinham três filhas quando seu avô decidiu visitar sua família nos Estados Unidos e errou com a queda de Saigon. “Minha vida e a vida de minha mãe não teriam acontecido sem a guerra. Mas, apesar de tudo isso, duas pessoas se amavam, e a grande lição para mim como artista é que a vida é sempre mais complicada do que as manchetes permitem; a poesia chega quando as notícias não são suficientes ”.

Antes da queda, Saigon era conhecido como a Paris do sudeste da Ásia - "Ninguém pensava que o apocalipse aconteceria." Um poema de exílio evoca pombos bicando pedaços de pão de uma padaria bombardeada: “Baguetes quebradas. Croissants triturados. Carros destruídos.” Outro brinca com o fato surreal, contado a ele por sua avó quando ele era pequeno, mas só entendido como um adulto, de que o início da evacuação dos Estados Unidos foi sinalizado pelo Natal Branco de Irving Berlin tocando na Rádio das Forças Armadas, em um país que não Não sei o significado da neve.

[Assista Vuong lendo Fragments de Notebook no Brooklyn no Vimeo](#)

Tornou-se perigoso ser visto como um colaborador, então sua avó colocou as três meninas em orfanatos diferentes. Por que a separação? “Porque era uma crise humanitária e havia mais chance de eles sobreviverem assim”, explica ele. Sua avó também estava preocupada que eles pudessem ser roubados e levados para fora do Vietnã. Como filhas de um militar americano, elas seriam elegíveis para a Operação Babylift, um projeto para evacuar crianças e colocá-las para adoção. Se as meninas estivessem

juntas, também poderiam ter fornecido uma passagem de família para dissidentes que pretendiam viajar para os Estados Unidos, diz ele.

Quando a família se reuniu, sua mãe já era adulta. Ela deu à luz Ocean quando tinha 18 anos e estava lavando o cabelo de um homem em um salão de Saigon quando um policial percebeu que ela era mestiça e, portanto, trabalhava ilegalmente de acordo com a lei vietnamita. A família inteira foi evacuada para as Filipinas enquanto o Exército de Salvação processava seu pedido de admissão nos Estados Unidos.

Depois de oito meses no limbo, eles foram transferidos para Hartford, Connecticut, onde o pai de Vuong desapareceu rapidamente, deixando-o para ser criado por sua mãe, avó e tia. Um dos prazeres de seus poemas é a interação do mito e da realidade. Como, por exemplo, sua coleção pode estar tão cheia de pais quando Vuong cresceu em uma casa de mulheres? “A mitologia ocidental está tão carregada com o pai”, diz ele. “Pessoalmente, estou sempre perguntando quem é meu pai. Como Homer, achei melhor inventar. Os japoneses têm uma palavra para isso: *yugen*, quando você tem tão pouco, tem que imaginar.”



Soldados norte-vietnamitas durante a queda de Saigon em 30 de abril de 1975. Fotografia: AFP / Getty Images

Há um ponto maior nisso: “Eu estava pensando especialmente em Homero, que escreveu aqueles dois poemas épicos a partir de um evento histórico que aconteceu quase 400 anos no passado. Admirei essa ousadia de inventar. Ao inventar, ele preservou a história.”

Embora Vuong tenha perdido o pai, ele recuperou o avô, que na época era casado com um acadêmico universitário e morava na Flórida. Então, de

uma família de mulheres que não sabiam ler, mas estavam constantemente contando histórias, ele voava pelo país para outra onde reinava uma quietude acadêmica. “Houve um silêncio tenso enquanto eles viravam as páginas. Foi tão potente que senti que tudo o que havia ali eu precisava descobrir. ”

Mas ele era um “péssimo aluno”, impulsionado pela ambição de sua família de se manter em uma escola difícil, onde “sendo um menino franzino, esquisito e amarelo, era muito fácil ser perseguido”. Ler foi particularmente difícil e ele suspeita que a dislexia é comum em sua família, embora agora diga: “Acho que talvez a deficiência tenha me ajudado um pouco, porque escrevo muito devagar e vejo as palavras como objetos. Estou sempre tentando encontrar palavras dentro das palavras. É tão lindo para mim que a palavra riso esteja dentro de carnificina. ”

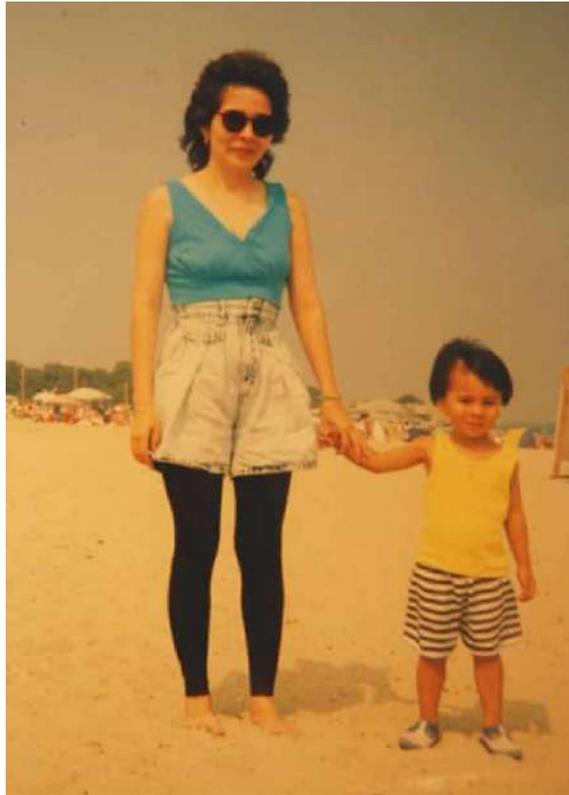
Ele se formou em marketing internacional, mas desistiu após oito semanas. 'Eu estava tão cansado de aprender a mentir'

Vuong esperava seguir sua mãe para trabalhar em um salão de beleza, mas foi persuadido a se matricular na faculdade comunitária local, onde sua vida mudou de curso logo no primeiro dia. “Essa mulher disse: 'Vamos ler Foucault, e muita coisa vai passar pela sua cabeça, mas uma parte vai grudar e você vai entender'. Naquele primeiro dia, foi oferecido o presente do potencial, e não apenas oferecido - foi exigido de nós. ”

Quando saiu, estava lendo Baudelaire e Langston Hughes e sabia que queria ser poeta, mesmo que fosse um sonho adiado enquanto encontrava uma maneira de sustentar a mãe. Ele se inscreveu para se formar em marketing internacional na Pace University de Nova York, mas saiu depois de oito semanas “porque estava cansado de aprender a mentir”.

Por meses, ele se lembra de ter se debatido, dormindo nos sofás de amigos, incapaz de contar à mãe que havia desistido. Mas aos poucos ele começou a descobrir “a exuberante vida literária”, passando a abrir sessões de microfone e se misturar com escritores. Então alguém lhe disse que para ser poeta ele precisava de um diploma em inglês (“Eu disse, 'Mas eu já falo inglês’”). Mais por sorte do que por julgamento, ele ganhou uma vaga no Brooklyn College, onde entrou na faculdade de inglês para se encontrar cara a cara com retratos de dois de seus heróis: Allen Ginsberg e [John Ashbery](#) . “Eu encontrei meu povo. Fui visto pela primeira vez. ”

Depois de se formar, ele levou “a vida de qualquer jovem poeta - basta lançar seus pequenos poemas e torcer pelo melhor”. Ele estava morando em um apartamento barato em Nova York, no final de um corredor longo e estreito, que ele cobriu com poemas, movendo-os em diferentes sequências. “Cada poema era um quatinho. Pude ver como eles cresceram e começaram a ganhar ressonância e significado. ”



Ocean Vuong e sua mãe.

Ele montou *Night Sky With Exit Wounds* para uma competição aberta que prometia enviar uma rejeição pessoal a cada participante. “Eu disse: 'Nossa, uma rejeição pessoal. Talvez isso me dê algumas dicas e me empurre de volta com uma ideia melhor.'” Em vez disso, ele recebeu uma oferta para publicá-lo da Copper Canyon Press independente de Seattle.

Hoje ele não é mais "qualquer jovem poeta", mas um escritor premiado de 28 anos com um romance em andamento e professor assistente no programa de MFA da Universidade de Massachusetts Amherst, na mesma rua de onde Emily Dickinson uma vez viveu. “Pela precariedade da minha própria história, não gosto de ficar confinado a nenhum gênero, nenhum rótulo. No final das contas, estamos todos apenas escrevendo frases e contando histórias”, diz ele. “Em Nova York, todos estão no seu caminho até que você converse com eles - o escritor só precisa prestar atenção. O que eu sei é que quando você está contando histórias, é muito difícil odiar um ao outro.”

Ele divide uma casinha próxima com seu sócio há 10 anos, Peter, um ex-advogado e a única coisa boa que saiu de suas oito semanas na escola de negócios. O melhor de tudo, diz ele, acaba de comprar uma casa para a mãe. “Eu fiz isso de uma maneira indireta e demorou mais, mas eu consegui. Ela sempre quis um jardim - e o conseguiu por meio da poesia.”



Ocean Vuong: uma história de dor e exuberância

Imigrante, refugiado, filho de iletrados, 31 anos, escreveu um romance de formação a olhar para trás, como uma carta de um filho à sua mãe que nunca o irá ler. *Na Terra Somos Brevemente Magníficos* é a estreia do autor na prosa depois da poesia ter mudado a sua vida. O narrador faz perguntas incómodas num estilo que o autor quis como se fosse uma interpretação *drag*. Tudo é excessivo como conta numa entrevista a partir de Massachusetts, onde vive.

[Isabel Lucas](#)

31 de Julho de 2020

Imigrante, refugiado, filho de iletrados, 31 anos, escreveu um romance de formação a olhar para trás, como uma carta de um filho à sua mãe que nunca o irá ler. *Na Terra Somos Brevemente Magníficos* é a estreia do autor na prosa depois da poesia ter mudado a sua vida. O narrador faz perguntas incómodas num estilo que o autor quis como se fosse uma interpretação *drag*. Tudo é excessivo como conta numa entrevista a partir de Massachusetts, onde vive.

Isabel Lucas

31 de Julho de 2020, 9:59

Ocean Vuong tem história invulgar. A começar pelo nome. A mãe, uma manicure vietnamita a trabalhar nos Estados Unidos, descrevia o mar de uma praia a uma cliente e o som que saía não era o de beach (praia), mas de bitch (cabra, prostituta). A mulher sugeriu que ela dissesse ocean, desse modo não haveria confusão. A mãe gostou da palavra e do significado e renomeou o seu filho, Vuong Quôc Vinh. Ele passou a ser Ocean no novo país onde chegou aos dois anos, refugiado, imigrante, neto de um soldado americano que gostava de Miles Davis e foi combater no Vietname. O soldado apaixonou-se por uma trabalhadora rural de uma quinta de

arroz e os dois tiveram três filhas. Um dia o soldado regressou aos Estados Unidos para visitar a família no Michigan e não conseguiu voltar ao Vietname. A guerra terminara, e a mulher, para sobreviver, pôs as filhas em três orfanatos separados. As irmãs cresceram sem se conhecerem. A mãe de Ocean lavava cabelos de homens na antiga Saigão e teve um filho aos 18 anos, em 1988. Descobriu que pertencia a uma raça mista e, segundo as leis do então novo regime comunista, não podia trabalhar no Vietname. Com a mãe e as irmãs, que reencontrou, exilou-se nas Filipinas à espera de poder viajar para os Estados Unidos ao abrigo de uma lei que recebia filhos de ex-soldados americanos.

No poema Notebook Fragments, de 2016, Ocean resumiu a sua história: “Um soldado americano fodeu uma rapariga do campo vietnamita. Assim, a minha mãe existe. Assim eu existo. Assim, sem bombas = sem família = sem mim. / Caramba.” Nesse ano, conseguia uma espécie de consagração com o livro de poesia Night Sky With Exit Wounds, seis anos depois de ter publicado os primeiros poemas e três anos a seguir à crítica ter aplaudido o jovem vietnamita-americano, de ar andrógino. Vencedor dos prémios Whiting, Foward e T. S. Elliot, com poemas publicados em alguns dos mais prestigiosos suplementos literários, surgiu pela primeira vez em prosa em 2019, com um romance autobiográfico em forma de carta à mãe que não sabe ler. “Mãe, escrevo para chegar a ti — ainda que cada palavra que registo seja uma palavra mais longe de onde estás”, lê-se no início de Na Terra Somos Brevemente Magníficos, agora publicado em Portugal.

O protagonista-narrador chama-se Cão Pequeno, é filho de Rose e neto de Lan, a avó que adormece agarrada a ele e lhe conta histórias. “Também havia histórias pessoais. Como a vez em que me falou do teu nascimento, do militar americano branco que estava destacado num contratorpedeiro da marinha da baía de Cam Ranh. Como Lan o conheceu quando usava o seu áo dài roxo, cujas abas ondulavam atrás dela sob as luzes do bar à medida que andava. Como, nessa altura, já deixara o primeiro marido, com quem se casara por imposição da família. Como, sendo uma mulher jovem a viver pela primeira vez sozinha numa cidade em guerra, se mantivera viva graças ao seu corpo, ao seu vestido roxo.”

Cão Pequeno não é Ocean Vuong, nem Rose é a sua mãe, e Lan não é a avó, nem os factos descritos correspondem aos reais, mas o essencial da história e das interrogações é de Ocean. “Para mim foi importante escrever um romance autobiográfico, mas manter a ficção”, diz, a voz quase de criança a chegar por telefone de Massachusetts onde vive e dá aulas. “Quis seguir a tradição americana fundada por Herman Melville, com Moby Dick. Ele escreveu num tempo em que a literatura americana era vista como subordinada à literatura inglesa e uma estética fundada nas sagas de família. Melville, de uma forma que me parece muito radical, disse que ia escrever sobre a verdadeira América, e escreveu um romance autobiográfico, sobre um grupo multirracial de homens pertencentes à classe operária. A insistência no tema da classe operária foi central para a literatura americana. Inspirado nisso pensei no que aconteceria se um escritor asiático-americano escrevesse sobre os operários da maneira que Melville escreveu. Ou seja, peguei numa coisa antiga da tradição literária americana: o romance autobiográfico.” A opção por um romance autobiográfico não tem a apenas a ver com forma, ou estilo, ou um conteúdo literário a partir de um conteúdo de vida rico em acontecimentos. “Interessa-me o romance autobiográfico como uma assimilação, quase como criar um caminho paralelo, carregado de perguntas. Não escrevi uma memória por não ter a

coragem de perguntar as perguntas difíceis à minha família; acho que sou demasiado fraco para isso. Faça-lhes perguntas difíceis e acho que desato a chorar. Escrevi o romance como uma maneira de fazer às personagens as perguntas que faria à minha família, como jogar o jogo de assimilação usando o poder da imaginação.”

Em *Na Terra Somos Brevemente Magníficos*, Ocean Vuong conta a história de um rapaz de Hartford, Connecticut, pobre, imigrante, vítima de bullying pela sua cor amarela, por ser efeminado, amante de poesia, que conhece Trevor, que adora futebol americano, consome droga, espatifa carros velhos, é o neto do dono dos celeiros onde Cão Pequeno trabalha no Verão e se apaixona. Os dois envolvem-se. “Os Patriots marcaram facilmente o touchdown da vitória. Os grilos inflamaram-se entre as ervas baixas e ondulantes que rodeavam o celeiro. Virando-me para Trevor, senti as patas dentadas deles através do chão por baixo de nós, enquanto dizia o nome dele, assim inteiro; disse-o tão baixinho que as sílabas não chegaram a sobreviver à minha boca. Aproximei-me do calor húmido e salgado da sua face. Ele fez um som quase de prazer — ou talvez me tenha limitado a imaginá-lo.”

É uma paixão condenada. Trevor não quer ser “maricas”, foi educado para ser “homem”. A relação é central no livro que tem como outro centro não apenas a procura da linguagem, mas a complexa relação com a linguagem por parte de um escritor que se sente um estrangeiro nas duas línguas em que vive: o vietnamita e o inglês. Um poeta está sempre a trabalhar com a linguagem; movemo-nos através do poema e cada palavra é um degrau. Eu queria que a linguagem fosse quase uma personagem. Vivemos num mundo em que o ensino tende a ser formatado, aprendemos as regras para sermos capazes de escrever um e-mail e não parecermos idiotas. Aprendemos que a linguagem é um sistema fixo de regras, calcinado que nos serve enquanto vivemos a nossa vida. Sabemos que a linguagem é incrivelmente maleável, está sempre a mudar; se não fosse assim estaríamos a falar no inglês medieval de Chaucer. Para mim é importante mostrar que a natureza volátil do nosso mundo é também a natureza volátil da linguagem e como a linguagem é tão política.” Aqui é. Fala de traumas íntimos e de traumas colectivos, sobretudo no caso da América: raça, identidade, género, classe, Vietname. Isso é feito através da linguagem com a consciência de que a violência política e os grandes traumas já estavam em poemas como a epopeia de Gilgamesh ou a Odisseia, de Homero. “Tudo o que eles disseram sobre proletariado, homoerotismo, queerness, trauma, guerra, já lá está. Não vejo isso como um tema delicado. É complicado, mas é aí que a literatura pertence, a essa tradição e eu atrevi-me a fazer isso”, diz. E fá-lo numa língua que não é a sua língua materna. “Gosto de me ver como um visitante. Não sei se é preciso ter uma língua para ter uma vida plena. Acho que a língua ajuda, mas muitas pessoas no lugar de onde venho são iletradas. Há experiências de vida fora da linguagem escrita, do texto. Vejo-me enquanto um visitante a tentar apanhar o que conseguir do léxico, das nuances, da vida de uma língua, a viajar por novas palavras. Isso é inspirador e também me assusta”

Nunca aprendeu a escrever em vietnamita, a língua de casa, a que conheceu com a avó, com a mãe a quem dirige o romance/carta. “Quis aprender, mas parei. Era difícil porque a instrução da minha família não passa do sexto ano. Esse é o grau de instrução mais alto que alguns conseguiram. Quando comecei a aprender pensava que talvez conseguisse traduzir os meus poemas. Mas usava as palavras da minha família e comecei a perguntar-me o que é que isso significava. A língua vietnamita que eles me deram é a minha ligação mais próxima a eles, e já estou tão afastado deles com a

língua inglesa que não queria ficar ainda mais com a língua vietnamita. Quero que o meu vietnamita esteja onde está o deles.”

Há mágoa, silêncio, ternura, cumplicidade entre filho e mãe. Sabemos dessa relação a partir dele, do Cão Pequeno, da primeira frase: “Querida Mãe”; e, um pouco mais à frente, “escrevo como filho”: “Tenho vinte e oito anos, um metro e sessenta e três, cinquenta e um quilos. Sou bonito de três ângulos apenas e horrível de todos os outros. Escrevo-te do interior de um corpo que já foi teu.” O que implica isso, escrever como filho? Ocean, o escritor, responde: “acho que o mais importante para mim na frase ‘escrevo como filho’ é que estou a escrever a recuar no tempo. É muito importante para mim escrever com esse olhar no passado, a olhar para trás, diferente da tradição no bildungsroman, com a história de como se chega à idade adulta muito agarrada à cronologia.” Dá os exemplo de À Espera no Centeio, de J. D. Salinger, ou Campânola de Vidro, de Sylvia Plath. A acção decorre em alguns dias, no caso de Salinger, e em poucos anos, no de Plath. “Terminam geralmente quando os protagonistas acabam o liceu e vão para a faculdade ou casam, encontram o amor, ou fogem. É quase sempre uma narrativa em direcção ao futuro. Eu quis um bildungsroman que olhasse para trás de forma a homenagear as pessoas que tornaram possível a vida daquele que está a falar. Escrever como um filho é escrever a olhar para trás, é voltar a fala à mãe, recuar no ciclo.”

Faz o paralelo com a literatura americana: “Na América pensamos que olhar para trás é a morte, é estagnar. Há uma ansiedade na literatura americana em olhar para trás porque quanto mais olhamos para trás mais depressa chegamos à devastação que foi o genocídio dos nativos americanos e a escravatura. O país ensopado em sangue. Muitos escritores americanos sofrem de ansiedade ao olhar para trás. Eu quis olhar para trás enquanto imigrante, enquanto refugiado, de forma a honrar as minhas origens.”

Quando Cão Pequeno diz que está a escrever enquanto filho está também a deixar implícitos uma intimidade e uma série de interditos. Diz Ocean Vuong: “Na cultura vietnamita é muito difícil confrontar um pai porque existem hierarquias de respeito. É muito difícil a uma criança corrigir um pai, mesmo que ele esteja errado. O respeito é inviolável e a carta é a única forma que o narrador tem de ficar mais perto da mãe, usando a linguagem entre os dois. Só que ela não pode falar e isso, no limite, é um acto fútil.”

Como Vuong, Cão Pequeno descobriu os livros, é escritor, e isso é inusitado no lugar de onde veio. “Quando terminei fui para um curso de marketing porque como imigrante, o primeiro da família a ir para uma faculdade, pensei que devia ganhar dinheiro para cuidar deles e, depois, ser um artista. Tive sempre uma inclinação artística, mas não sabia qual, nem que se podia ter uma carreira enquanto escritor. Esse mundo parecia tão secreto, quase uma coisa de deus; quando ia a uma biblioteca e pegava num livro não pensava que vinham de pessoas reais”, conta.

Foi para a universidade aos 19 anos, não conhecia nenhum escritor nem ninguém que lesse livros. “Poucas semanas depois de estar nesse curso desisti. Não era capaz, era tudo tão competitivo, mas estava demasiado envergonhado para voltar para casa.”

Não foi capaz de dizer à mãe que tinha desistido e andou às voltas por Nova Iorque, a dormir em sofás de amigos. Pouco antes, descobrira a poesia. Andava num community college, instituições destinadas a alunos de poucos rendimentos que fazem a transição do ensino médio para o mundo profissional ou para outras universidades. “Tinha um amigo que pertencia a uma banda punk-rock e estava a ler

Rimbaud, um herói para Patti Smith, e a Patti Smith era a heroína do meu amigo. Ele deu-me a ler Rimbaud. Como era possível que ele tivesse apenas 17 anos? Entrei na biblioteca, que tinha os livros arrumados por continentes, e quando chego a Rimbaud chego à Europa. A minha formação literária começou na Europa. Com Llorca, Vallejo, Paul Celan, Marguerite Duras e depois os latino-americanos, Bolaño, Clarice Lispector.” Pouco depois, disseram-lhe que podia estudar poesia, foi aceite no Brooklyn College e lá conheceu o escritor Ben Lerner. “Foi serendipidade. Era um professor brilhante e deu-me permissão para sonhar”, refere Ocean Vuong.

O exagero

Havia ecos entre o que descobriu nos livros e o que ouvia em casa. As histórias que a avó conta a Cão Pequeno ressoam da sua experiência pessoal. “Venho de uma família e de uma tradição de contadores de histórias. Não sabiam ler, mas eram incrivelmente imaginativos, peritos em narrar. Na tradição oral esse ofício de narrar é ainda mais afinado do que na academia; quando uma avó ou um avô ou uma mãe contam uma história estão a contar uma história que foi sendo transmitida durante séculos e de cada vez que é contada há uma apropriação, novas pausas em sítios certos, alguém apura um detalhe, alguém muda o enredo, alguém intensifica o mistério, o suspense. Há um colectivo a trabalhar numa história, a investir nela e no momento em que ela me chega já é um mestrado em narrativa.”

A poesia de Ocean Vuong nasce dessa contaminação; a prosa também, com a música a sublinhar o tempo em que cada história se passa, cada episódio decorre. “A música é como o clima, o tempo: interrompe-nos, contamina e existe sempre no presente.

Que canção está a ouvir? De que canção gosta? A canção que transportamos e memorizamos no nosso corpo diz muito do que somos. A música é muito importante nas nossas vidas e é tão poderosa que interrompe as nossas vidas.”

Trevor é fã dos 50 Cent, a mãe consegue embalar-se numa melodia religiosa de uma religião que não é a dela. Cão Pequeno também canta. “Cantei, o melhor que pude, uma canção de embalar que Lan costumava cantar. A canção, originalmente interpretada pela famosa Khanh Ly, descreve uma mulher que canta entre cadáveres espalhados por suaves colinas cobertas de vegetação. Examinado os rostos dos mortos, a cantora pergunta no refrão da canção: e qual de vós, qual de vós é a minha irmã?”

Estamos diante de uma narrativa fragmentada, sem um enredo propriamente dito, sincopado pela poesia, cheio de metáforas. É o primeiro romance de um poeta e tem alguns desequilíbrios, sobretudo no modo como, numa carta a uma mãe que não lê, se deixa levar por uma elaboração excessiva. É intencional, afirma Ocean Vuong. A poesia não é uma coisa natural; foi muito difícil aprender. Quando se consegue escrever poesia de uma forma que nos satisfaça, acho que se consegue escrever qualquer coisa, porque estamos a lidar com a linguagem a um nível molecular, ao nível da sílaba e a tomar muitas decisões com quatro ou cinco palavras. Isso não existe na prosa. A prosa ensina sobre espera e humildade. Uso aqui ferramentas da poesia porque quero que elas vivam na prosa. Um dia gostaria de escrever um livro que tivesse um estilo mais seco, como Hemingway ou Sally Rooney, mas quis que este livro fosse exuberante até ao limite da exuberância, como uma performance drag; há um corpo invisível, marginalizado que se quer tornar inesquecível com clarões, cílios enormes, batom vermelho a passar os contornos da boca, tudo é mais do que suficiente, como se aquele corpo não pudesse conter a sua expressão. O que acontece se for demasiado? A crítica aponta esse excesso, diz que é demasiado

sonhador, demasiado púrpura, demasiado sentimental. Escrevo num estilo que não é celebrado, que levanta suspeições, que não é o que se encomenda: ser claro, contido, directo. Olhamos para as frases de Dickens, Melville, Longfellow, Whitman, todos são excessivos, mas quando veio o modernismo esses valores foram relegados como femininos e usamos esses valores femininos como ‘púrpura’ para humilhar um estilo.”

Folha de São Paulo

Quem é Ocean Vuong, poeta gay que inspirou o diretor de 'Me Chame pelo Seu Nome'

Escritor americano de origem vietnamita lança no Brasil o best-seller 'Sobre a Terra Somos Belos por um Instante'

Laura Erber | 17 maio 2021



<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/05/quem-e-ocean-vuong-poeta-gay-que-inspirou-o-diretor-de-me-chame-pelo-seu-nome.shtml>